

Nós falamos de guerra social. Nós falamos disto já que uma pura análise das classes sociais não nos basta. O que significa uma análise marxista da economia mundial a uma sobrevivente de um espancamento misógino? Às trabalhadoras sexuais? A uma travesti? Ou a jovens fugidos de suas casas por serem sexualmente dissidentes? Como pode uma simples análise de classe ser a base de uma revolução, que promete libertar as que estão experimentando e viajando mais além dos gêneros e da sexualidade que nos são atribuídos? O proletariado como um sujeito revolucionário marginaliza quem não se encaixa no modelo de trabalhador heterossexual.



manifesto pela violência afeminada

Manifesto pela violência afeminada

*"Não me pergunte quem sou e não me diga para
permanecer o mesmo."*

Michel Foucault



*esta obra não possui direitos autorais,
pode e deve ser alterada e reproduzida
livremente, no todo ou em partes.*

edições hakhon
2014

manifesto pela violência afemniada
editoração e ilustrações: edições hakhon
capa: edições hakhon
revisão: edições hakhon
textos: afetades, bete, mary nardine gang
recife, primavera de 2013
2ª edição



edições hakhon é um projeto independente, autônomo, livre e autogestionado que visa levantar questionamentos aos padrões da sociedade e propagar assuntos de interesse libertário.

you can also collaborate with this project by suggesting or making texts available for new publications through hakhon@riseup.net or we.riseup.net/edicoeshakhon



**SOU
PASSIVA
FEMINISTA
VIOLENTA
TO ARMADA
E METO
BALA**

esta publicação é dedicada a:

Malanie Fisch, João Pessoa/PB

Oséias Alves, Mossoró/RN

Soraia, Corumbá/MS

Mayara Castro, Porto Velho/RO

Márcia Gabriel, Goiânia/GO

Tídeia, Nova Serrana/MG

Katlyn, Porto Velho/RO

Fernanda Lima, Belo Horizonte/MG

Raissa Silva, Recife/PE

Michelle, Canindé/CE

Bianca Mantelli, Jataí/GO

Savana Vougue, Teresina/PI

Shanayne, Nova Floresta, PB

**e a todas as diversas trans* e lésbicas não
descritas, exterminadas violentamente,
vítimas da misoginia e do machismo brutal
da nossa sociedade.**

machistas, do século XXI vocês não passarão.



Cece McDonald, transsexual negra e estadunidense foi agredida verbalmente por Dean Schmitz em um bar. Incoformada com a violência, Cece se dirigiu até o homem para enfrenta-lo e foi agredida novamente com pedaços de um copo de vidro no pescoço.

Uma briga iniciou-se e Cece esfaqueou o agressor fatalmente. Apesar de Dean Schmitz ter uma suástica nazista tatuada em seu corpo e possuir histórico de crimes, Cece foi condenada a 4 anos de prisão pela Justiça estadunidense, causando repúdio e indignação por todo mundo.

para mais informações:

<http://afetadx.blogspot.com.br>
<http://luddismosexxxual.tumblr.com>
<http://www.lespantheresroses.org>
<http://www.blackandpink.org>
<http://supportcece.wordpress.com/>
<http://www.qzap.org>

A reação das afetadas não é gratuita, gratuita é a imposição da nossa submissão. Nossa violência está localizada e antes que nossa postura questionadora a posição desigual neste regime possa ser usada para justificar nossas agressões por colaboradores do regime mascu, afirmamos que não estamos nos apropriando das táticas machulentas de obtenção de poder. Não reivindicamos o controle do poder. Nossa violência se dá, sobretudo, porque queremos amar, queremos enfatizar e expressar nossa sensibilidade, cuidado e afetuosidade – aspectos continuamente desprezados na lógica patriarcal por serem associadas ao feminino – e assegurá-los como princípios norteadores nas relações humanas anti-patriarcais. Jamais conseguiremos amar se continuarmos ameaçadas. Esta ameaça nos impõe sentimentos de coação e prisão.

Nossa violência é pela liberdade, porque os privilégios nunca foram extintos sem ações violentas. Porque a cabeça dos reis equivale ao pau dos machos.

BIBA LA REVOLUCIÓN!

APRESENTAÇÃO

Este manifesto surge da necessidade de reagir de maneira combativa às violências cometidas incansavelmente a população dissidente do heterossexismo. Também se faz necessário compreender que a imposição do ideal machista permeia nossos principais valores, vontades, preferências, medos, anseios e claro nossos desejos. A superioridade do que se entende como masculino ao que é feminino é presente desde a mera escolha de uma cor até a forma como nos comportamos em situações de conflito e, principalmente, como expressamos nossa sensibilidade. É importante compreender que a expressão do comportamento humano não é biológica, a forma como homens e mulheres expressam sentimentos, raiva, alegria, euforia e medo são apreendidas durante a vida e limitadas a partir de uma imposição de gênero, construída para controlar, doutrinar e governar as pessoas.¹

Biológico é sentir fome, sede, cansaço, dor física, por exemplo. O fato dos homens serem sempre mais estúpidos, rudes, brutos, violentos, arrogantes e impositivos tem a ver com a noção de superioridade associada à imagem do macho, que é visto sempre como proprietário de algo, líder natural de uma situação e guerreiro valente. Vale ressaltar que os que apresentam algum jeito delicado, não impositivo e sensível são rapidamente ridicularizados e vistos com olhar de desdém, de inferioridade. Porém é importante também frisar que é praticamente impossível encontrar um homem que apresente essas características em todos os momentos. Quem assume a ideia de homem para si, por mais que esteja longe dos hulks, colabora com a perpetuação do machismo.

O termo queer começou a ser usado como um insulto às pessoas de gênero e sexualidade diferentes (seu significado em inglês é “estranho”), mas foi ressignificado se convertendo num termo para conceituar sexualidades revolucionárias. A maioria das pessoas entende queer como sinônimo de LGBT; este entendimento é falho ao analisar a experiência das pessoas que se influenciam por este conceito.

¹ A ideia de que a construção de gênero e a heterossexualidade, enquanto regime político, são estratégias de dominação e controle de seres humanos é concluída a partir das considerações de BOURDIEU, Pierre. A Dominação masculina; RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica; GIDDENS, Anthony. Gênero patriarcado e desenvolvimento capitalista e SEXXXUAIS, Ludditas. Etica amatória del deseo libertario y las afectaciones libres e alegres.

Antes, não ser hétero era estar em conflito direto com as forças de dominação. Agora a população heterodissidente quer pedir ao Estado que nos aceite. Como sempre, o capital transformou lésbicas e gays, que atiravam pedras nas ruas, em políticos e ativistas bem vestidos. Existem lésbicas e gays republicanes e social-democratas. Há países onde existem bebidas energéticas "gay" e canais de televisão "lgbt" que fazem a guerra mental padronizando o corpo e a autoestima da juventude. O estabelecimento político "LGBT" converteu-se numa força de assimilação e gentrificação do poder estatal e capital. A identidade gay se converteu em um produto, uma comodidade e um aparato que funciona para retirar-se da luta contra toda a dominação.

Assimilacionistas buscam nada menos que construir o homossexual como o normal - rico, monogâmico, carros luxuosos, residências privadas. Esta construção, claramente reproduz a estabilidade da heterossexualidade, o patriarcado, o binário de gênero, o capitalismo.

Se nós realmente queremos destruir o que fundamenta nossas hostilidades, se de fato queremos dar um basta nas violências, assassinatos, estupros e espancamentos realizados em nome de uma normalidade patriarcal, necessitamos tomar uma posição firme. Precisamos deixar claro que os corpos dissidentes da machulência não são vulneráveis e que nosso repúdio ao padrão que nos exclui não é um convite para nos violentar. Devemos mostrar uma força de onça, de leoa e de loba para nos defender com vigor, intimidar nossos agressores e mostrá-los que estamos dispostas a reagir caso nos ameacem. Não necessitamos da inclusão ao matrimônio, nem nas forças armadas, nem no Estado e não é por isso que devemos ser agredidas. Necessitamos separar as políticas de assimilação e as políticas de libertação, pois nossa plenitude jamais será cedida, ela deve ser conquistada.

MANIFESTO PELA VIOLÊNCIA AFEMINADA

Crescem os casos relatados de violências – tanto físicas, quanto psicológicas – contra mulheres, bichas, sapatas, trans*, dentro dos espaços políticos de esquerda – incluindo este, a Revolta do Busão –, o que atesta uma ainda muito forte hegemonia do pensamento macho nas formas de articular e operar política antissistema. Se, nos espaços de esquerda, forjam-se contrapontos ao conservadorismo da direita, o que temos percebido é, pelo contrário, um crescimento das práticas opressoras do macho adulto branco e heterossexual interiorizadas em dinâmicas políticas supostamente libertárias.

Mas não viemos aqui para nos lamentar pela INCAPACIDADE desses sujeitos encarcerados pelas normas sexuais e de gênero, castrados de cu, em dar-se conta de seus próprios privilégios e da violência que engendram cotidianamente OU para convencê-los de qualquer coisa. O que queremos é nos dirigir às afetadas – mulheres, bichas, baitolas, travas, transexuais, intersexuais, transgêneros, piriguetes, putas, gordas, sapatas, caminhoneiras, pintosas, divas, feias, patricinhas, anarkas... - para dizer-lhes que é possível RESISTIR, que a superioridade do macho adulto branco e heterossexual de família é uma ficção política sustentada ao custo do silenciamento das vozes e expressões dissidentes. CHEGOU A HORA DE GRITAR, de berrar alto o quão limitada é a racionalidade que sustenta esse regime político.

Queremos dizer às afetadas que reajam! que treinem, lutem, aprendam a mexer com faca, a dizer NÃO, a responder quando incomodadas, que ocupem espaços políticos, que proliferem e disseminem a violência afeminada como estratégia de resistência ao regime machulento! Queremos ver até que ponto dura a supremacia mascu diante de afetadas insubmissas, rebeldes, revoltadas, sangue no olho, dispostas a arrancar elas mesmas o pau dos estupradores, a bater elas mesmas nos agressores, intervindo e deslocando os regimes de privilégio sustentados pela reprodução de um sempre mesmo corpo dominante que age em detrimento de uma multiplicidade de corpos entendidos como frágeis, passivos, despotencializados, sem capacidade de resistência.

Queremos excitar agrupamentos feministas que trabalhem em autodefesa com autonomia; matilhas e alcateias que retomem as ruas, recriem hábitos vadios nas madrugadas, ressignifiquem os espaços velados aos corpos contra-hegemônicos, que passeiem livremente por lugares abertos sem precisar da companhia de um tio, um pai, um irmão, namorado, enifm, um macho protetor... Porque nosso direito à plenitude depende diretamente da destruição do autoritarismo machista!